

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DO SECOVI-SP, RODRIGO LUNA, POR OCASIÃO DA ABERTURA DO EVENTO “CIDADES MELHORES – CONSTRUINDO UMA SÃO PAULO MAIS SUSTENTÁVEL”, REALIZADO NA PRAÇA DAS ARTES, CENTRO DA CIDADE, DIA 18 DE MARÇO DE 2024, ORGANIZADO EM PARCERIA COM A ABRAINC E COM APOIO INSTITUCIONAL DA PREFEITURA DE SÃO PAULO

Excelentíssimo senhor Ricardo Nunes, prefeito de São Paulo, a quem agradecemos pelo apoio institucional conferido à realização deste evento.

Prezado amigo Luiz França, presidente da Abrainc, entidade com quem dividimos a organização desta iniciativa.

Excelentíssimos representantes do poder público, do universo acadêmico, das atividades imobiliárias e da sociedade civil organizada que nos conferem o prestígio de sua colaboração e participação.

A todos o que nos acompanham presencialmente e virtualmente, nossas sinceras saudações.

O evento “Cidades Melhores – Construindo uma São Paulo Mais Sustentável” tem por objetivo preparar nossa cidade para os desafios do futuro e assegurar o bem-estar de seus habitantes.

Com a participação de secretários municipais, membros da academia e empreendedores imobiliários, vamos apresentar e discutir as melhores práticas e a inovação das políticas de desenvolvimento urbano, contemplando respeito ao meio ambiente e mitigação das mudanças climáticas.

É desejo de todos nós que as cidades funcionem de forma mais integrada e harmoniosa com as atividades da população e que assegurem a promoção ativa da inclusão social.

A adoção de medidas alinhadas às premissas da sustentabilidade e ao conceito ESG são os desafios mais importantes desta era.

Países e empresas de todo o mundo assumiram compromissos para chegar à neutralidade nas emissões de carbono.

Mas há outro desafio de enorme escala que também exige urgência: enfrentar a miséria que, infelizmente, alcança a tantas pessoas, por meio da promoção do crescimento econômico sustentável e da geração de emprego e renda.

Este ano, o Brasil preside o G20 e todos os movimentos inerentes à agenda do evento.

É o caso do B20, criado como um fórum de representatividade empresarial dos países que compõem aquele grupo e que, não por coincidência com nosso evento de hoje, tem como tema central “Crescimento Inclusivo para um Futuro Sustentável”.

Para dimensionar o desafio da inclusão econômica e da transição energética, o McKinsey Global Institute (MGI) buscou entender o tamanho de ambos os objetivos – e seu respectivo custo para enfrentá-los.

O estudo aposta que houve um enorme progresso social nas últimas décadas – no Brasil e no mundo – tirando bilhões de pessoas da pobreza.

Recomenda expandir o conceito de ‘linha da pobreza’ para ‘linha do empoderamento’, conceito que define, dentre outros aspectos, o que é preciso para que uma pessoa tenha acesso não apenas à subsistência, mas a toda uma gama de serviços essenciais, incluindo saúde, moradia e educação.

Segundo o relatório, em 2020, cerca de 51% dos brasileiros, ou 110 milhões de pessoas, viviam abaixo da linha do empoderamento. Na América Latina, eram 390 milhões de pessoas, ou 60% da população.

Este importante evento enseja fazermos em conjunto algumas reflexões sobre as cidades, e trazemos aqui o pensamento de três autores que nos ajudam nesse processo.

Na obra “Centros Urbanos – a maior invenção da humanidade”, o economista norte-americano **Edward Glaeser**, define que as cidades representam a melhor forma de organização social, econômica e ambiental, proporcionando maiores possibilidades de ascensão socioeconômica - fator que torna a urbanização um fenômeno mundial.

A maior interação e fluxo de informações contribui para o processo de inovações tecnológicas, sociais, culturais, econômicas, etc.

Professor de economia na Universidade de Harvard e responsável pelo Programa de Pesquisa de Cidades no Centro Internacional de Crescimento, Glaeser é defensor do adensamento urbano como medida sustentável para as cidades.

Segundo ele, concentrar pessoas em áreas dotadas de infraestrutura gera menos impacto ambiental por reduzir a necessidade de deslocamentos e promover o uso intensivo dos recursos disponíveis, entre outros pontos.

Já em seu livro “Metrópoles: A história da cidade, a maior criação da civilização”, o historiador britânico **Ben Wilson** destaca que, nos vários milênios da nossa existência, nada nos moldou mais profundamente do que a cidade.

Há mais de 7000 anos a história das cidades é a história da civilização. Pelo “calor que irradiam”, desencadearam a maioria das revoluções políticas, sociais, comerciais, científicas e artísticas.

Por sua vez, **Carlos Leite Brandão**, arquiteto, filósofo e professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), aprofunda e corrobora essas análises na obra “Genealogia da Cidade”.

Nas listas das grandes invenções da humanidade, raramente encontramos a instituição “cidade”, a qual, para ele, foi provavelmente a maior delas.

De acordo com o professor, a cidade não surgiu por escolha humana, mas por necessidade. Buscamos a cidade “porque somos diferentes, porque somos individualmente frágeis”, é a cidade que, por meio da cultura de civilização em que nos insere, ‘refina’ o humano em nós.

Destacam-se ainda outros pensamentos desse autor:

- Edificar não é construir. Edificamo-nos juntos com o edifício, o ornamento e a cidade dispostos à nossa volta para ‘habitar’;
- Habitar também não seria simplesmente se alojar ou se abrigar. Implica tomar posse de si e dominar-se, em autocontrole, enquanto parte de uma comunidade. Habitar tanto o lar da casa quanto o lar da cidade nos distingue dos animais mais do que o pensar.

Essas análises nos levam a algumas questões:

Se a cidade é nossa maior invenção;

Se qualquer invento exige manutenção, conserto, aprimoramento;

Se o funcionamento desse invento se mostra insuficiente, deficiente ou prejudicial aos seus usuários;

Cabe reavaliar, melhorar, renovar, inovar.

É isso que desejam os mais de 11,4 milhões de habitantes de São Paulo, maior megalópole do Hemisfério Sul e cuja população equivale à soma das cidades do Rio de Janeiro, Fortaleza e Distrito Federal juntas.

Precisamos pensar a cidade de São Paulo como metrópole, onde a maioria deve ter o direito de usufruir sua infraestrutura.

Temos de trabalhar para que as cidades sejam de todos e, para tanto, é necessário olhar naquilo que de fato interessa à maioria da população em detrimento dos objetivos individuais.

Precisamos pensar a cidade para daqui 30 anos. E rápido. Não temos tempo a perder. Talvez não tenhamos feito de forma corajosa e adequada nestes últimos 30 e, assim, produzimos uma cidade dispersa e socialmente injusta.

Diante disso, tornar as cidades mais sustentáveis e inclusivas é compromisso coletivo.

Exige alinhamento entre sociedade, poder público e setor privado.

É fundamental ter foco na direção do crescimento que almejamos. Obter consenso para implementar as mudanças necessárias.

Não assumir esse compromisso é comprometer o futuro das gerações presente e futura.

A expectativa é que as experiências compartilhadas e as ações que serão hoje discutidas resultem na confecção de uma agenda para efetivamente tornar São Paulo mais sustentável e inclusiva.

Resultem em missões assertivas, plausíveis, aderentes à realidade e às possibilidades concretas.

A meta é que esta agenda sirva de inspiração para outras cidades brasileiras e, mesmo, se constitua em documento que mereça o olhar da COP30, que acontece em 2025, em Belém do Pará.

São Paulo sempre se destacou por seu protagonismo em diversas áreas.

Que possamos incluir no currículo de nossa cidade as medidas e as práticas voltadas à inclusão social, à sustentabilidade e ao conceito ESG, tendo sempre ter em mente que o acesso à moradia digna é determinante para o alcance desses objetivos.

Agradecemos a todos os que contribuíram decisivamente para a realização desse encontro.

Que ele possa ser o primeiro de muitos outros, tendo sempre por objetivo a promoção do bem comum.

Muito obrigado e um ótimo evento a todos.